

Marginalizados não acreditam na eleição

Promessa não enche barriga. Desgastados pela luta diária em busca de mínimas condições de vida, a parte da população marginalizada socialmente e convenientemente esquecida em suas carências, não tem muito no que acreditar quanto a primeira eleição no Distrito Federal. Embora nesta época seja assediada na caça aos votos, não demonstra, em geral, preferência por qualquer candidato e buscam na religião e álcool o alívio nas horas mais difíceis. Fé mesmo, só possui em Deus.

Veículos ostentando cartazes e aparelhos de som conclamando a população a votar em determinado candidato. O cenário na Rodoviária faz parte do dia-a-dia de Antônio Justino da Silva, 78 anos, inválido, que desde o início do ano passado consegue alguns trocados perambulando pelo local. Ele explica que às vezes consegue não mais de Cr\$ 100,00 por dia, difícil para manter sua família. Depois de anos de luta fracassada, Antônio duvida muito que alguém possa mudar a situação em que vive: «No Brasil nada muda. Rico é rico e pobre é pobre», diz, explicando não ter candidatos.

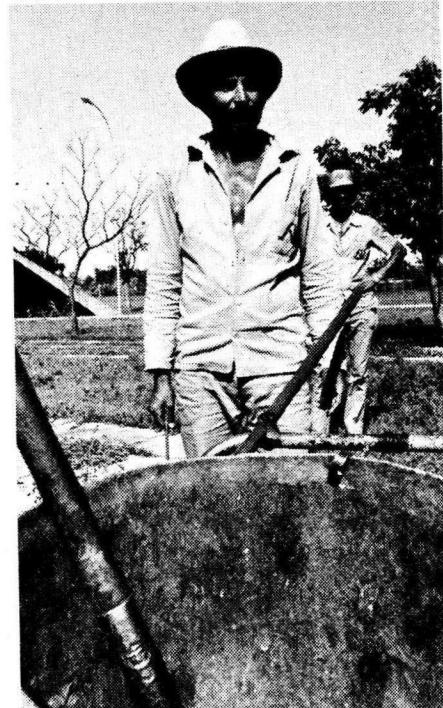
Outro acidentado que passa os dias na rodoviária é Paulo Ribeiro, 51 anos, pai de quatro filhos. Apesar da descrença, diz que votará em Rose Goes, candidata à Câmara pelo PSB, por ter conseguido uma cadeira de rodas no programa «Brasília Urgente». Seu voto, explica, é uma forma de gratidão, embora saiba ser otimista demais em pensar que as promessas se tornarão realidade depois da posse dos eleitos. «Eles agora vêm me procurar com comida e outras coisas, mas só voto em quem eu achar que devo», frisa Luis Ribeiro Nascimento, 42 anos, os últimos seis, vividos em baixo da ponte próxima a Universidade de Brasília. Sem qualquer condição digna de vida, usando da aguardente para suportar o cotidiano, Luis diz que «pode ser pobre mas não é burro».

«Fé, minha filha, só posso ter em Deus», afirma Antônia Costa, 32 anos, morando junto ao marido e três filhos em uma das guaritas do estacionamento do Setor Comercial Sul. Indiferente ao

processo eleitoral, embora rodeada de cartazes de candidatos, acha que votar não significa muita coisa. «Nunca tive vontade de votar. A gente nem tem tempo de pensar nisto», explica, acrescentando passar os dias a cata de lixo e lavando carros para alimentar a família. Aos 34 anos, Eva Moreira Alves, reside na invasão do Setor de Indústrias e tem na lavagem de roupas meio de subsistência. «A gente, depois de passar toda uma vida de luta, acaba perdendo as esperanças», conta, afirmando que no local todos os sábados acontecem comícios, depois comentados pelos moradores: «Quando eles vêm, prometem estradas, escolas e outras coisas, quando, hoje, nem o feijão com o arroz temos para a nossa mesa», salienta.

«Quem quiser viver que trabalhe, dê muito duro, e não espere nada de ninguém».

Ivaldo Cavalcante



Antônio Justino descrê de tudo